

## O LOUVOR DO FILÓLOGO

### PALAVRAS DE SERAFIM DA SILVA NETO

(como Paraninfo na cerimônia de posse na Academia Brasileira de Filologia a 18 de maio de 1951).

Senhor Professor Gládstone Chaves de Melo:

Sois dos que mantêm culto fiel à Filologia Portuguesa. Tendes dedicado a vossa vida à meditação dos problemas da nossa gloriosa língua.

Nascestes, aos 12 de junho de 1917, na vossa inspiradora Campanha, de onde viestes, em 1936, para as luzes e a ciência desta cidade capital. Lá, ainda na puerícia, conhecestes o nosso grande Mestre Padre Augusto Magne - homem precioso, cuja altíssima Ciência é ainda menor do que a Bondade. Aqui chegando o reencontrastes: e, ao calor da sua amizade, aperfeiçoastes e estendestes os vossos conhecimentos da língua portuguesa. Foi ainda pelas mãos dele que fostes encaminhado ao Prof. Sousa da Silveira, sob cuja direção, desde 1941, ensinai na Faculdade Nacional de Filosofia.

O que representa esse convívio com o Presidente da Academia Brasileira de Filologia podemos julga-lo todos aqueles que conhecemos a excelsa figura do venerando Mestre, fonte inesgotável de ricos e minuciosos conhecimentos da língua portuguesa.

Não é de estranhar, pois, que a vossa obra (e ainda estais na força da idade) seja tão opulenta e substanciosa. Há que dividi-la em três partes.

– I –

A primeira consta de monografias a respeito de assuntos vários. Assim a magnífica relação de dicionários portugueses que julgais com mão de mestre, e o penetrante ensaio sobre o estilo de Rui Barbosa, onde, com brilho e lógica, voltais a um tema que vos é caro.

– II –

A segunda refere-se à vossa magnífica edição da *Iracema*, de Alencar, edição magistral, que enriquecestes com apensar-lhe o brilhante estudo *Alencar e a “Língua Brasileira”*. Nele mui claramente deixastes demonstrado:

1º – que José de Alencar, ao contrário do que proclamavam os detratores, escreveu em boa língua portuguesa:

2º – que só a fantasia, a paixão ou a ignorância podem apresentar o grande estilista de *O Sertanejo* como patrono ou primeiro escritos da língua brasileira.

## – III –

A terceira parte de vossa obra que, a meu ver, excede as outras, é constituída pelo vosso livro *A Língua do Brasil*, onde andam juntos a cerrada lógica da argumentação e o brilho das idéias. Este grande livro tem para mim, além do valor filológico, uma qualidade essencial: a de exaltar a origem portuguesa do Brasil. Vale como uma eloqüente afirmação de que desejamos continuar o estilo espiritual de vida que os nossos maiores nos legaram.

Começais aí por expender considerações gerais, subordinadas ao título “A língua portuguesa no Brasil”, constantes de sete parágrafos: 1 – Resenha bibliográfica; 2 – O problema da língua no Brasil; 3 – A escola da “língua brasileira” e sua doutrina; 4 – Conceito de unidade lingüística; 5 – A paixão nacionalista; 6 – O problema em termos sociológicos; 7 – Qual seria a língua brasileira?

Estudais, em seguida, a “influência tupi” (cap. II), a “influência africana” (cap. III), a “língua popular” (cap. IV), a “nossa pronúncia” (cap. V), “a língua e o estilo” (cap. VI), o “nosso vocabulário” (cap. VII), e terminais o livro com o magnífico ensaio sobre a “língua literária”.

Sois também de opinião que o português do Brasil apresenta “notável unidade relativa, apreciável uniformidade” (pp. 73, 140) e que o “conservadorismo” é um dos seus caracteres mais frisantes (pp. 32 e 133).

Ao estudardes a influência tupi e a influência africana, não vos limitais a copiar cegamente os tratadistas, mas aplicaes aos fatos sólido espírito crítico. A certa altura, concluídes que “o resultado da ação da língua tupi e das línguas africanas, principalmente destas últimas, sobre o português foi a simplificação das flexões verbais e nominais (número) que se nota na linguagem popular brasileira” (p. 79).

Ainda no tocante aos influxos extra-europeus, não deixais de observar a “diferenciação” e “unificação”, fato que, a nosso ver, é fundamental. Eis trechos do livro:

Agora, pelo tempo adiante, as gerações sucessivas foram perdendo esses defeitos iniciais (...) principalmente porque as constantes ondas lingüísticas depuradoras e retificadoras, formadas pelas levas de emigrantes que, dirigindo-se ao Brasil, ameaçavam despovoar o Reino, iam desfazendo as diferenças e planificando o aspecto lingüístico brasileiro (p. 18).

Mas depois, também neste caso [do negro] apareceram os elementos unificadores: as ondas lingüísticas, oriundas da Metrópole, o meio mais culto, as escolas, a língua escrita e o contato com pessoas instruídas” (p. 19).

Cumpre, porém, não exagerar a influência do negro no nosso linguajar plebeu, cumpre assinalar que muitos fatos pretensamente africanos são portugueses e cumpre sobretudo lembrar o acentuado instinto de imitação do negro e do mulato que, a par da ascensão social que lhes vem trazendo, lhes vai não raro determinando o nivelamento lingüístico com os brancos de boa procedência” (p. 61).

À medida que se eleva na escala social ou que recebe instrução, vai o negro, o mulato, o matuto ou o urbano atrasado falando melhor, flexionando os nomes e os verbos. Verifica-se com muita freqüência o fenômeno entre as alunas roceiras dos colégios do interior. Ficam elas não raro exprimindo-se melhor do que muita gente boa. Logo, à medida que se for disseminando pelo nosso *hinterland* a alfabetização, a instrução, as escolas, é de esperar que vão reaparecendo as flexões perdidas. Haverá um reajustamento lingüístico, não por baixo, por cima (p. 84).

Outros passos significativos podem ler-se nas pp. 42-43 e 64.

Tal como já o fizéramos, explicais a unidade dos falares brasileiros pelo “sincretismo” dos dialetos portugueses trazidos com os povoadores (p. 96).

O capítulo IV intitula-se “A Língua Popular” e, embora não a conceitueis, parece-me que entendeis com essa designação os fatos dialetais: “Depois de termos examinado a influência tupi e a influência africana no português do Brasil, é bem que se passe uma vista de conjunto sobre a nossa fala popular que, como já se disse, é em parte resultante da ação daqueles dois fatores estranhos” (p. 73).

Está claro, entretanto, que ele é “substancialmente o português arcaico, deformado, ou se quiserem, transformado em certo aspecto da morfologia e em alguns de fonética, pela atuação dos índios e dos negros” (pp. 73-74).

Daí por diante, entráis a discorrer sobre as particularidades de nossas falas plebéias. O capítulo termina com interessantíssima comparação entre as formas populares brasileiras e o “interamnense”, dialeto português falado na região do Entre Douro e Minho. O resultado é surpreendente.

O capítulo “A Nossa Pronúncia” lembra que a pronúncia hodierna do português do Brasil está mais próxima da do século XVI do que da pronúncia portuguesa de hoje.

A nosso ver, porém, os melhores capítulos do livro são os três últimos: “Língua e Estilo”, “O Nosso Vocabulário” e “A Língua Literária”.

A distinção entre “língua” e “estilo” (uso individual da língua) tem as raízes, como lembrais, na clássica dicotomia de Saussure, “langue” e “parole”.

A “langue” é um sistema, é um fato social exterior ao indivíduo e que se lhe impõe; a “parole” é a educação da “langue” pelo indivíduo: tem, pois, caráter psicológico.

Partindo daí, desenvolvéis o seguinte raciocínio: “Mas, na mesma língua, através da mesma língua, pode manifestar-se mais de um estilo nacional. Aliás, isso é óbvio. Pois se a língua se presta ao surto de mil estilos individuais, sem se desfigurar, sem perder o “sistema”, não poderá então prestar-se à manifestação de dois ou três estilos nacionais?” (p. 109).

A vossa obra já vos tem granjeado merecida reputação. Provam-no os cursos que ministrastes, em 48 e 49, na Faculdade de Filosofia do Recife e, em 49 e 50, na Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora. É a justiça ao vosso merecimento, prêmio ao vosso trabalho, é a consagração desta tarde. Tendes direito a um lugar nesta Academia Brasileira de Filologia. Sede benvindo, pois, Prof. Gládstone Chaves de Melo.

(Trecho do discurso de recepção, in *Conceito e Método da Filologia*, Rio de Janeiro, Organização Simões, 1952, pp. 22-29.)

## DUAS NOTÍCIAS CRÍTICAS DE UM GRANDE LIVRO

1. GLÁDSTONE CHAVES DE MELO, *INICIAÇÃO À FILOLOGIA PORTUGUESA* (Rio de Janeiro, Organização Simões, 1951).

Ismael de Lima Coutinho

O autor da *Iniciação à Filologia Portuguesa* não é um estreante em nossas letras filológicas, apesar de ainda moço. Não é, nem poderia ser. Obras da natureza da que escreveu, não se improvisam, mas requerem maduro estudo e uma boa dose de experiência, colhida no exercício do magistério. Gládstone Chaves de Melo já se credenciaria, no conceito público, a tão alta quão difícil empresa, com publicações reputadas de valor. É assim que lhe deve a nossa bibliografia filológica uma excelente edição de *Iracema* de José de Alencar e uma não menos excelente obra sobre *A Língua do Brasil*, além de trabalhos menores, impressos em revistas e jornais.

É o jovem autor, ademais, membro proeminente da Academia Brasileira de Filologia e docente de Língua Portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia, onde, ao lado do venerando mestre Dr. Sousa da Silveira, se vem esforçando por manter, em nível bem elevado, as tradições do ensino superior, na capital da república. Não ingressou na docência daquela instituição cultural, por influências estranhas, mas honestamente, graças ao próprio merecimento. A situação que ali desfruta, conquistou-a ele, após brilhante concurso, em que